



A Polêmica no Jornalismo:

a Cantoria dos Sabiás e dos Rouxinóis da Mídia¹

Jacques A. Wainberg

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

Resumo: Toda comunidade possui um estoque de vozes disponíveis ao debate de temas públicos. Este estudo sobre a polêmica como um gênero jornalístico documentou 1208 debatedores e 1882 vozes envolvidas neste tipo de controvérsia nos dois mais importantes programas de debate da imprensa gaúcha em 2008. Faz ainda uma tipologia destas vozes, um cadastro dos temas e elabora sobre os dois tipos mais frequentes de debatedores, os sabiás e os rouxinóis da mídia. Descreve também a figura do polemista, um personagem que vive envolvido nas disputas de idéias e cuja missão é desacomodar a opinião pública.

Palavras-chave

Polemismo; Opinião Pública; Debate; Polemistas

Os antigos gregos denominaram a polêmica de ‘erística’. Nela a resolução das controvérsias não é feita pela lógica, pelo raciocínio e pela razão. Prepondera a emoção e o desejo de persuasão. O que os contendores querem neste tipo de embate é a vitória sobre o oponente, mesmo que a ferro e fogo. Trata-se de uma deformação da dialética e da filosofia. Na erística a conversação transforma-se numa discussão belicosa.

Na verdade, o que está em jogo é o desejo dos debatedores em conquistar algum grau de poder e controle sobre o clima de opinião pública. Por isso a luta retórica parece ser tão dramática. O que mais importa aos polemistas é simplesmente o desejo de superar o adversário. A boa vontade em ouvir a verdade e a humildade em admitir o equívoco num debate de idéias é tão difícil e as conseqüências são tão duras que os envolvidos nas disputas fazem de tudo um pouco para postergar este momento cruel de revelação.

Neste tipo de controvérsia predomina mais a apologia e a pregação e menos o diálogo; mais a oratória, menos a audição; mais a imposição, menos o consenso; mais a certeza do orador e menos as dúvidas da audiência; mais o carisma do polemista e menos o espírito crítico do receptor, seja ele leitor, ouvinte, espectador ou fiel seguidor.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa - Gêneros Jornalísticos, XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Curitiba, Universidade Positivo, 4-7 de setembro de 2009.



O choque entre os interlocutores pode ter trajetórias variadas. Por vezes começa como uma mera discussão. Pode evoluir a uma controvérsia culminando por fim numa disputa.

Provedores de pistas

É possível acrescentar que o polemista com frequência lança mão de artifícios retóricos variados. Ele mistura maliciosamente em sua argumentação ‘maças com laranjas’ para confundir. Apela a meias verdades para enganar. Apóia-se em fontes que desfrutam de nenhuma autoridade. Propõe falsos dilemas. Aponta bodes expiatórios e os demoniza. Afirma sem provas que o opositor tem determinada posição a qual passa a criticar. Faz ataques pessoais e emocionais.

Por tudo isso a polêmica é um fenômeno complexo de conversação. Entre todos os seus tipos, a que ocorre através da mídia tem especial relevância política e social. É por vocação um mecanismo público de ponderação. Os debatedores funcionam como provedores de pistas e intérpretes da realidade à população. Para muitos telespectadores e ouvintes estas vozes são as mais influentes na formulação de uma visão de mundo e na consolidação de uma opinião. Por decorrência cabe salientar o fato de que toda sociedade tem sempre um estoque de vozes à sua disposição. Vozes em posição *stand by* e a um braço dos microfones para entrar em ação. Operam como os sabiás. O canto que lhes sai da boca se parece a de uma flauta doce. É um canto sem cortes, agradável, nem muito alto, nem muito baixo. O timbre é constante e inspirador. Mesmo com toda sua agitação, muitos querem tê-lo por perto. Gostam de ouvir o seu vozeio e o cantarolar dos seus versos.

O levantamento destas vozes em confronto nos programas de debate mais expressivos na mídia num período de tempo permite que se tenha idéia do perfil destes debatedores e dos temas em discussão numa determinada comunidade. Este tipo de cadastro esclarece quem fala, com que frequência e porque razão. Logo fica claro que em todo lugar há sempre um limite a este estoque de discursos predispostos à pregação. Percebe-se também que quem fala tende a falar periodicamente, em inúmeros lugares, ao longo do tempo e por muito tempo sobre tópicos variados, além dos que envolvem sua especialidade de origem e vocação. Sua exposição cumulativa à mídia acaba lhe conferindo reputação. Isso ajudar dar a esta gente certa aura e por decorrência produz veneração. São vozes que querem falar, mas que aprenderam a esperar.

De tempos em tempos, por necessidade mesma da programação, a mídia os incita à confrontação. Provocadas, elas saem então da toca e passam a tagarelar. São



vozes que contam um conto. Vozes que são dispostas ao consumo e que gozam deste especial privilégio de também cantar um canto. São vozes por vezes ambíguas por serem muito precavidas. Algumas são vozes didáticas. Outras são teatrais, eventualmente coléricas. Não são vozes inocentes. Levantam bandeiras, provocam conflitos, evitam a negociação, eternizam a ruminação só para continuar a falar. Noutras oportunidades buscam ‘sarna para se coçar’. Assim, tornam-se porta-vozes e dizem o que todos pensam, mas temem afirmar. Nem sempre falam o que têm a dizer para convencer. Preferem irritar, discordar, retrucar. Visam sobretudo eternizar o embate, e assim a própria voz, e o interesse dos veículos de comunicação no seu discursar. Há certamente vozes bem intencionadas, que desejam também elucidar. Ao produzir o seu coquetel diário de vozes os programas de debate escolhem assim uma variedade de sons. Vozes carismáticas. Vozes cínicas. Vozes bem humoradas. Vozes cheias de pompa e autoridade. A arte, a boa arte da mídia é saber misturar.

Tipos de Polêmicas: Discussão, Disputa e Controvérsia.

1. Discussão	SOLUÇÃO: Trata-se de uma interlocução cujo objetivo se restringe a um problema específico. À medida que a discussão avança os debatedores reconhecem que a raiz do problema é algum erro. A discussão permite encontrar uma solução. Ela visa remediar o equívoco. O que se quer aqui é a verdade. A oposição entre as posições é lógica, não emocional. O debatedor trata de comprovar a veracidade de seu argumento ou a falsidade da apresentada pelo opositor. Ele está disposto a admitir derrota quando defrontado com argumentos indiscutíveis.
2. Disputa	DISSOLUÇÃO: Trata-se de uma interlocução que apresenta igualmente uma divergência bem definida. Mas não há acordo sobre a existência de um determinado erro a ser superado. A diferença entre os debatedores reside em atitudes, sentimentos e/ou preferências distintas. A disputa não pode ser solucionada. No máximo, pode-se pôr fim à disputa com sua dissolução. Ela poderá retornar em novas versões em torno de outros tópicos uma vez que as diferenças persistem. O que se quer aqui é a vitória. A oposição entre as posições é ideológica. O ambiente é competitivo. O debatedor espera ser apontado como vencedor, independentemente da veracidade de seu argumento. Ele começa e termina o embate convencido de que está certo. Utiliza-se retórica inflamada. O sarcasmo dos discursos não tem piedade. Não há esperança de se vencer racionalmente o embate nem de persuadir o adversário.
3. Controvérsia	RESOLUÇÃO: Trata-se de uma interlocução que se posiciona entre a discussão e a disputa. Pode começar com um problema específico, mas rapidamente alcança outras questões e revela as profundas divergências de atitudes e preferências que separam os contendores sobre os métodos de se resolver o dilema. Não visa corrigir erros, o que provoca a continuidade do confronto de idéias e sua recorrência. Os debatedores acumulam argumentos capazes de aumentar o peso e a força de suas posições visando mover a balança da razão em seu favor. Controvérsias não são nem solucionadas nem dissolvidas, mas podem ser resolvidas. Os argumentos acumulados por uma das partes podem se tornar indiscutíveis, ou, graças à



controvérsia, podem surgir posições aceitáveis às duas partes. O que se quer aqui é a persuasão do adversário e/ou do público que acompanha ao vivo ou através da mídia o embate. A oposição entre as posições envolve um amplo leque de divergências quanto à interpretação dos fatos relevantes, avaliações, atitudes, objetivos e métodos. O ambiente é deliberativo. O debatedor se esforça para apresentar razões para que seu argumento aparente superioridade, muito embora elas não sejam conclusivas. Mas ele está disposto também a reconhecer a importância dos argumentos do opositor. Em suma, a controvérsia é um quase-diálogo constituído e elaborado por peças de discurso. Envolve uma ou mais de uma inconsistência entre as declarações de dois personagens que são oponentes. Neste caso o princípio de cooperação entre eles é bloqueado e o que geralmente é deixado implícito numa conversação precisa neste caso ser amplamente negociado. A controvérsia não consegue ser resolvida no nível do conteúdo, pois envolve uma dimensão existencial (a reputação do debatedor). No fundo, o que se busca é a legitimidade social e por isso mesmo toda declaração se dirige não ao oponente, mas ao público que opera qual uma audiência de um espetáculo. No campo da ciência, as controvérsias são indispensáveis para a formação, a evolução e a avaliação das teorias. A crítica pública permite o controle e o seu aperfeiçoamento. O estudo de tais embates teóricos oferece uma descrição da história e da prática da ciência. Este é o ambiente natural em que devem viver os pesquisadores. Assim, as teorias vão se sucedendo até que se cristalizem. Mudança e inovação são autorizadas, desde que consigam vencer as resistências. Há controvérsia quando há pelos dois interlocutores que utilizam algum tipo de linguagem para se dirigir ao outro. Assim, confrontam opiniões, argumentos, teorias, etc. Há nela a dimensão lógica e afetiva do emissor e a recepção crítica pelo público ou adversário. Na controvérsia há sempre um elemento de imprevisibilidade já que se assegura ao adversário o direito de resposta. E sua reação é desconhecida. Acaba se tornando ‘um jogo estratégico’, um dá lá toma cá. Inclui documentos e referências a estudos passados dos interlocutores. Um amplo leque de fontes pertinentes ao embate é trazido à tona visando sustentar um ponto de vista. Assim, o público é levado a navegar numa larga tradição de pensamento e saber.

Fontes: Adaptado de Marcelo Dascal. Types of Polemics and Types of Polemical Moves. In: C. MEJRKOVÁ, S.; H OFFMANNOVÁ, J.; MÜLLEROVÁ, O. & SVETLÁ, J. (eds.) (1998). DialoganalyseVI. Referate der 6. Arbeitstagung, Prag 1996. Beiträge zur Dialogforschung. Tübingen: Niemeyer, 2 volumes./ Sara Greco. Dascal on Interpretation and Understanding. Studies in Communication Sciences 5/1(2005) 217-230

O exame empírico de tal cantoria permite observar que lá no meio dos sabiás assobia cheio de prosa outro pássaro, o rouxinol da mídia. É cantor ainda mais notável. É conhecido pela pureza de suas notas e pela variedade de suas melodias. Tem um extenso repertório, com trinados fluidos terminando em crescendo. Perambula muito. Está na Europa. Foi visto na África tropical. No verão migra à Ásia Menor. Frequenta lugares estranhos: charnecas, matas e bosques. O rouxinol é um cosmopolita. Seu ninho, no entanto, é montado sempre no mesmo lugar. Perambula mas sabe de onde veio e para onde deve voltar.



Este grupo, o dos rouxinóis, é formado por número restrito de debatedores. Por alguma razão é provocado numa frequência superior a dos sabiás da mídia. Mas a verdade é que tanto entre os sabiás como entre os rouxinóis há vozes que falam sem parar. Há também vozes que costumavam cantarolar, mas que de repente, sem se saber bem porque, calam sem esperar. Há vozes que hibernam para se pronunciar. Na sociedade, há também outras vozes que gorjeiam e das quais nunca se ouve falar. Há vozes fóbicas, que têm medo de se expressar. Há vozes pernósticas que só dizem o que tem a dizer com muito floreio e jinga de corpo nas salas de estar.

Há vozes que só falam aos sussurros, queixosas. Há vozes que fazem um jogo de esconde-esconde, como crianças a brincar. Há vozes rimadas, vozes mimadas e agitadas, vozes que se escondem na ficção e na imaginação. Vozes que só falam por via indireta, por metáforas, através de personagens, alguma trama e à prestação. Para elas a realidade é a fantasia. Na verdade, são vozes que vivem no mundo da lua. Para dizer às claras o que pensam demoram um tempão. Até lá fica esse jogo de faz de conta a exigir muita interpretação e concentração.

Do dito até aqui cabe recordar a mensagem de que a polêmica pública envolve uma dimensão educativa que visa influenciar de algum modo o estado de espírito das pessoas que observam o embate. Não é propriamente um diálogo honesto entre iguais ou uma conversa intimista. Simples discordância de opinião não é fator suficiente para evocar uma polêmica. O que entra em jogo aqui é a potencialidade de seus efeitos. A controvérsia deve ter um peso maior. Deve envolver uma quantidade de tópicos entrelaçados. Deve provocar a polarização dos pontos de vista. Suas conseqüências são existenciais. Há acusadores e há defensores que buscam ora negar a suspeita, ora apresentar desculpas e ora ainda justificar determinado comportamento, decisão, idéia e preferência.

É condição da polêmica a existência de um dilema, natural ou provocado. A ambigüidade inerente a tais impasses do pensamento provoca ansiedade, e por decorrência desejo de resolução. É este fator que dá ânimo ao embate. Tem-se aqui, por isso mesmo, gladiadores em luta, com a agressividade que caracteriza tais disputas. No caso, há uma simulação de um jogo de vida e morte. A agonia da polêmica não tem hora para acabar.

As Estratégias Retóricas: a Prova, o Estratagema e o Argumento

1. Prova	A VERDADE ACIMA DE TUDO: Visa eliminar qualquer dúvida sobre certa proposição. Utiliza regra de inferência capaz
----------	--



	<p>de levar de forma explícita e reconhecível à conclusão a ser provada. A regra e a evidência devem ser aceitas e reconhecidas pelo opositor. A prova não se refere à demonstração dedutiva formal, como utilizado em lógica e matemática. Refere-se a outras formas de inferência (indutiva e presuntiva, por exemplo) capazes de afirmar a verdade de uma declaração. Não se refere também à comprovação como a obtida num experimento, numa observação, num testemunho e no senso comum. Deve ser neutro em relação às crenças e interesses dos interlocutores. A verdade deve ser fator decisivo em afirmar determinada crença. Para fazer frente às provas o interlocutor deve ser capaz de oferecer contra-provas.</p>
2. Estratagema	<p>SEM FALA: Visa provocar no público certa reação induzindo-a a crer que certa proposição é verdadeira. Pode eventualmente fazer uso da inferência, mas não obrigatoriamente. Caso faça uso, nem a inferência nem a evidência precisam ser consideradas de antemão verdadeiras. Precisam acima de tudo ser efetivas. O estratagema pode envolver a farsa e a dissimulação. Não precisa ser nem explícita nem reconhecível pela audiência desde que alcance seu efeito. Visa deixar o opositor sem argumentos, ‘sem fala’, incapaz de reação. Schopenhauer descreve o estratagema como um truque desonesto.</p>
3. Argumento	<p>PERSUASÃO: Visa fazer o opositor crer que certa proposição seja verdadeira. Apresenta razões para induzi-lo a ter certos desejos. O argumento não precisa estar baseado em inferência ou evidência. Apresenta proposições que o opositor possa aceitar. Leva-o a uma espécie de obrigação a acolher sua conclusão e a cooperar. Difere da prova por poder ser logicamente inválido. Exemplo do campo da política é o argumento relativo ao “efeito dominó”. Logicamente ele não se sustenta. O efeito em cadeia pode ser interrompido em qualquer ponto. No entanto, no período da Guerra do Vietnã, serviu como argumento potente. Mesmo uma falácia pode ser persuasiva.</p>

Fonte: Adaptado de Marcelo Dascal. Types of Polemics and Types of Polemical Moves. In: C. MEJRKOVA, S.; H OFFMANNOVÁ, J.; MÜLLEROVÁ, O. & SVETLÁ, J. (eds.) (1998). DialoganalyseVI. Referate der 6. Arbeitstagung, Prag 1996. Beiträge zur Dialogforschung. Tübingen: Niemeyer, 2 volumes.

Ao explicar porque não tolerava enfrentamentos deste tipo Michel Foucault afirma que o polemista comporta-se como se estivesse numa guerra. A pessoa que lhe enfrenta é vista como um adversário, um inimigo que está errado e cuja simples



existência constitui uma ameaça. O desejo é aboli-lo como um interlocutor de qualquer diálogo imaginável. Para ele tudo isso não passa de teatro. Classifica o embate como uma comédia em que se imita a guerra, aniquilamentos e rendições incondicionais. O que os polemistas expressam com mais clareza é seu instinto assassino.² Já o exercício da inquirição é de outra natureza, diz ele. No diálogo, o questionador tem o direito “de permanecer em dúvida, de perceber a contradição, de demandar mais informação, de enfatizar diferentes postulados, de assinalar falhas na argumentação, e assim por diante.”

Este tema, o do diálogo, ocupou igualmente outros filósofos. Gabriel Tarde, por exemplo, pondera que o mesmo não tem propósito imediato.³ É aberto, espontâneo, ao contrário do monólogo usual dos discursos persuasivos. Todos os participantes têm o direito a se pronunciar. A audição lhes é assegurada. O diálogo emerge da conversação, muito embora nem toda conversação o produza. Não visa a deliberação. Portanto, predomina a reciprocidade. Entra-se no diálogo admitindo como pressuposto que pode se estar errado.⁴

Ao que parece, toda mediação de conflitos vê-se obrigada a utilizar este único canal disponível para a construção da paz. Neste tipo de ambiente menos propício à confrontação as partes buscam encontrar áreas de interesse comum. Tentam contemplar os justos interesses da outra parte. Evitam o exercício do ódio e do auto-ódio. Esforçam-se em evitar que a violência, sempre à espreita, possa pôr fim a reconciliação.

O diálogo é, de acordo com a obra de Martin Buber, um dar e um receber cooperativo no qual se tem plena consciência do interlocutor. Não é um jogo narcíseo no qual impera o silêncio tático, e onde o jogador espera o momento certo para dar o bote. Não é também o silêncio obsequioso que tão bem caracteriza o repentino cessar das prédicas e tagarelices dos intelectuais engajados.

Estudo empírico

² Entrevista concedida a Paul Rabinow em maio de 1984, pouco antes de sua morte.

³ Tarde, G. ‘L’Opinion et la foule.’ Paris :Presses Universtaires de France. 1989 p.87 In Joohan Kim and Eun Joo Kim. ‘Theorizing Dialogic Deliberation’. **Communication Theory** v.18, n.1, Feb 2008. pp: 51-70

⁴ Welsh, S. Deliberative democracy and rethorical production of political culture. *Rethoric and Public Affairs* 5, p.682 In Nola J. Heidlebaugh. *Invention and Public Dialogue*. **Communication Theory**. V.18,n.1, Feb 2008, pp:27-50



Exemplo de aplicação da metodologia sugerida anteriormente é o cadastro realizado pelo autor de todas as vozes convocadas em 2008 por dois programas de debates da mídia eletrônica de Porto Alegre.

O estoque de vozes no mercado de Porto Alegre. Polêmica e Conversas Cruzadas. 2008

Número de edições do programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	Número de Vozes que falaram no Programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	Número de debatedores que falaram no Programa Polêmica da Rádio Gaúcha em 2008	Número de edições do programa CC da TV Com em 2008	Número de Vozes que falaram no Programa CC da TV Com em 2008	Número de debatedores que falaram no Programa CC da TV Com em 2008	Total de programas	Total de vozes	Total de debatedores
1.	2.	3.	4.	5.	6.	7 (1+4)	8 (2+5)	9 (3+6)
249	980	636	286	902	572	535	1882	1208
Média de vozes/ Programa Polêmica	Média de debatedor- Programa Polêmica	Média de Vozes/ CC	Média de debatedor/ Programa CC	Número de debatedores que participaram em mais de um debate	Média geral de debatedor repetido por programa	Número de debatedores com participação nos dois programas	Média geral de debatedor por programa	
10. (2/1)	11. (3/1)	12. (5/4)	13. (6/4)	14.	15. (14/7)	16.	17. (9/7)	
4	2,5	3,0	2	1128	2,1	62	2,25	

Os sabiás da mídia – Porto Alegre. 2008.

Tipos de debatedores	Os mais freqüentes: número de participações no Polêmica	Os mais freqüentes: número de participações no CC	Total	Ranking
Professor/Acadêmico	113	80	193	2°.
Parlamentar	110	186	296	1°.
Advogado	91	70	161	4°.
Func. Público	63	122	185	3°.
ONG/Associação	57	53	110	5°.
Jornalista	52	15	67	10°.
Médico	52	18	70	9°.
Cientista Político	42	5	47	11°.
Economista	41	66	107	6°.
Sindicalista	40	60	100	7°.
Juiz	32	39	71	8°.
Psicólogo	30	12	42	14°.
Psiquiatra	29	7	38	15°.
Militante	25	21	46	12°.
Policial	24	20	44	13°.
Militar	20	15	35	15°.
Promotor	12	20	32	16°.
Procurador	8	14	22	17°.

Um total de 1882 vozes de 1208 debatedores foi listado nas 535 edições do ‘Polêmica’ da Rádio Gaúcha e ‘Conversas Cruzadas’ da TVCom. Ou seja, uma média de 2,25 debatedores por programa. É fácil entender que o número de vozes superou o número de debatedores porque 1128 debatedores participaram mais de uma vez nos



debates ao longo do ano. Um total de 62 freqüentou ambas as emissoras. É verdade que há outros programas de debate na imprensa de porto-alegrense. Também é verdade que este número (1208 debatedores) não inclui fontes exclusivas de outras emissoras. De qualquer forma, considerando a importância jornalística do ‘Polêmica’ e ‘Conversas Cruzadas’, sua periodicidade diária, sua sólida audiência, afirmamos que este total é relevante e serve como banco de dados confiável ao fim de se avaliar as principais características destes protagonistas da controvérsia e debate público naquela cidade.

Os dados coletados revelam que (1) entre as mais freqüentes vozes presentes neste tipo de debate na mídia gaúcha está a dos parlamentares (vereadores, deputados estaduais e deputados federais), a dos professores (principalmente acadêmicos), a dos funcionários públicos (geralmente representantes de todos os níveis e órgãos do poder executivo), a dos advogados e a dos representantes de associações e órgãos de classe.

Por terem preferências editoriais distintas o recrutamento das vozes pelos dois programas também se distingue. Geralmente quem fala num programa não fala no outro. Quem fala o faz mais de uma vez ao longo do tempo (somente 80 não participaram em mais de uma edição de um dos dois programas). Somente uma minoria, cerca de 5% (62 debatedores) participou dos dois programas. Ou seja, as vozes escolhidas constituem uma espécie de acervo intelectual da comunidade acionado com freqüência pela produção. São vozes mobilizadas em rotação.

O que se vê também é que a pauta que os mobiliza gira principalmente em torno de temas ligados aos atos de governo, às crises sociais, econômicas e políticas e aos dilemas existenciais do cotidiano das pessoas como educação, amor, segurança e comunicação.

Os parlamentares e os advogados são os que mais se parecem aos polemistas. Acima de tudo, desejam a vitória nos embates. Os professores carimbados por títulos e amuletos de prestígio de suas cátedras e universidades batem o ponto com alguma pose de saber e pompa. Aparentam ser intelectuais persuasivos, alguns exibidos, dispostos a troca de farpas embora sob o disfarce da lógica e da razão. Os funcionários públicos são os mais angustiados. Têm a dura tarefa de justificar, defender, sofrer críticas de todos que têm queixas e lamúrias a cultivar. Por fim, é a vez dos representantes de classes e organizações. A missão deste personagem é a ruminação. Se queixa exigindo reparação.

Este tipo de palco tem muitas outras atrações. O cardápio completo tem outros pratos além da política, sindicatos, leis e constituição. Entre eles estão o medo à insegurança e a catarse da corrupção. Na sobremesa surge a política e tudo que diga



respeito à saúde e ao corpo são. Ou seja, em boa medida as controvérsias mediadas por rádio e televisão são um tipo de embate destinado a formar cidadãos. Como dito, o cardápio é variado o que facilita a digestão. No entanto, a presença deste trio – segurança, escândalo e política – parece fazer parte de boa parte da programação.

Percebe-se que (2) na ‘gaiola’ onde estão reunidos os rouxinóis da mídia há cantores com timbres variados. Fazem parte desta nobre estirpe de personagens os representantes de oito categorias de atores, os economistas, os cientistas políticos, os professores/acadêmicos, os psiquiatras, os parlamentares, os militantes, os advogados e os policial-militares. O que distingue os indivíduos deste grupo varia. Alguns são virtuosos da boa retórica. Outros funcionam como símbolos. Ou seja, representam algo além deles próprios. Os acadêmicos tentam dar um tom sóbrio aos embates. Já os militantes, os advogados e os parlamentares lembram os ‘galos de rinha’. Do outro lado do picadeiro estão os psiquiatras a balancearem em voz pausada este tipo de apetite por luta e sangue.

Na lista abaixo é possível observar que dois personagens posicionados em primeiro lugar entre os rouxinóis são acadêmicos de boa prosa. Quando solicitados demonstram sabedoria. Falam com calma sem afetação. Têm aparência de bonachão. Em seus discursos, parece imperar sempre o cálculo frio da boa argumentação. O que lhes acompanha o passo nesta posição de liderança é personalidade distinta, representa e simboliza claramente uma facção. Por isso mesmo é provocado a fazer o contraste, iniciar a labareda e alguma confusão. Já o número 2 é chamado porque quando fala representa um povo e uma multidão. Seu verso é ideológico, claro e cristão. O outro é duro no jargão. Militar, representa uma instituição. O terceiro número 3, o advogado, é craque da polêmica. Diz o que diz com senso de humor, mesmo não agradando os companheiros de partido que estão de plantão. Dá a impressão de ser honesto e sincero, qualidades muito úteis à persuasão. São algumas características que podem eventualmente explicar porque estes personagens são os preferidos pela produção.

O temário exclui uma ampla agenda de tópicos que poderia acolher mais facilmente o ‘intelectual público’ ausente neste tipo de transmissão. Como se sabe, este tipo de gente está menos interessada na pequenez do dia a dia e mais focada nas tendências, na memória, no futuro, na ciência, nos sonhos e fantasias. Neste cardápio diário de controvérsias provocadas há até mesmo esporte, mas muito pouco de arte, literatura, ciência, biografia e antropologia. Este tipo de temário encontrou um restrito



refúgio nas emissoras educativas. Mas nada que se compare ao gosto pelo desgosto da mídia massiva.

Tipologia das vozes

Tipos de vozes	Características	Atores
1. Institucional	Representa figura jurídica, seja ele o governo, sindicatos e outras organizações. Engaja-se no debate para explicar seus atos, justificar ações fazer e responder às críticas.	Representantes de instituições políticas e/ou representativas que se enfrentam no cenário público.
2. Militante	Representa parte interessada. Usualmente se queixa e rumina. Exige reparação. O discurso é em boa medida emocional.	Representantes de ONGs, associações, indivíduos ideologicamente comprometidos, parlamentares e advogados. Intelectuais engajados.
3. Independente	Mantém equidistância das partes envolvidas na disputa. Faz o papel crítico. Analisa friamente o dilema. Seu prestígio provém de sua expertise. Desfruta de ampla credibilidade social.	Os acadêmicos com frequência buscam ocupar este espaço do analista. Mas outros personagens podem igualmente exercê-lo.
4. Simbólica	Este atributo parece estar presente e bem distribuído em todas as categorias anteriores. Ou seja, todo debatedor deve representar algo além dele próprio. Por vezes há vozes convocadas por terem este atributo	Títulos acadêmicos, história de vida, e honrarias ajudam dar credibilidade ao orador. São atributos de prestígio. Mas o importante é que seu discurso



	mais forte que qualquer outro.	remeta a audiência para algo maior e mais importante do que sua figura particular. Quanto mais dotado for o orador desta virtude mais apelo terá sua figura à participação neste tipo de programação que envolve o debate de tema controverso.
--	--------------------------------	--

Estilo das Vozes

Carismática	Crítica	Afetiva	Diplomática
Humorada	Sarcástica	Provocadora	Irônica
Humilde	Autoritária	Agressiva	

Os tópicos mais populares de debates

Tópico	Frequência	Tópico	Frequência
1. Segurança Pública	53	7. Regras e Leis	19
2. Escândalos	46	8. Educação	18
3. Política Estadual	38	9. Transporte	14
3. Comportamento	38	10. Esporte	12
4. Política Nacional	34	11. Economia Intern.	10
5. Ciência e Saúde	28	12. Movimentos sociais/sindicais	11
6. Porto Alegre	24	13. Ambiente/ Pol. Municipal/ Crise/Litoral	8

Os Rouxinóis da Mídia Gaúcha. 2008

Nome	Atividade	Frequência Total: Polêmica e CC
1. Paulo Moura	Cientista Político e acadêmico	13
1. Marcelo Portugal	Economista e acadêmico	13
1. Raul Pont	Parlamentar	13
2. Percival Pugina	Colunista e Militante	12
3. Cel. Paulo Mendes	Militar	12
2. Ricardo Giugliani	Advogado	12
3. Rogrigo Gonzáles	Cientista Político	11
3. André Azevedo	Economista	11
4. André Marenko	Cientista político	10
4. Ibsen Pinheiro	Parlamentar	10
4. Fabiano Pereira	Parlamentar	10
4. Fernando Ferrari Filho	Parlamentar	10
5. Ático Chassot	Acadêmico	9
6. Gabriel Camargo	Psiquiatra	9
7. Zila B.	Parlamentar	9



Considerações Finais

Cabe salientar agora que nem todo debatedor é um polemista, assim como nem todo intelectual é público. Ou seja, alguém que “possui uma sólida obra e tem a habilidade de comunicar idéias e influenciar o debate internacional em tema distinto ao de sua especialidade.”⁵ No entanto, o que é certo é que todo polemista é um debatedor. Da mesma forma, o intelectual treinado numa disciplina, pertencente a uma instituição e que decide num certo momento de sua carreira comunicar-se com uma audiência muito maior do que a usual no ambiente universitário torna-se um polemista. Deve-se igualmente distinguir entre os vários tipos de polêmicas, sendo a disputa e a controvérsia as mais perenes e as mais densas. No cerne de tudo há sempre um tema sobre o qual os debatedores e os polemistas pensam que vale a pena sustentar um confronto. Por ser um embate aberto a controvérsia em torno de um dilema qualquer acaba adquirindo neste caso uma relevância política e social.

Ao aparecer à vista, estes personagens adquirem uma aparência nada discreta. Acusam o opositor e defendem suas idéias num jogo usualmente referido como estratégico. Justificam, apresentam provas, dão exemplos, fazem analogias, discordam, objetam, criticam, ironizam e esperam em posição de defesa o revide do adversário. Não se pode fugir a esta circunstância vital e humana da discórdia, sempre presente em nossas vidas. Em algumas culturas ela existe, mas é constrangida. Quando aparece, vem tímida e pálida. Seu aparecimento no meio social provoca medo e apreensão. Noutros ambientes, mais coléricos, o choque é explícito. Nas nossas sociedades massivas os debatedores e em especial os polemistas estão presentes na mídia, nos tribunais, nas salas de aula, nos parlamentos, nos colóquios científicos, nos artigos dos articulistas, nos ensaios filosóficos e agora, principalmente, também na blogosfera.

Qualquer diferença é capaz de gerar a controvérsia. Talvez este caos potencial seja o que atraia ao ringue midiático os polemistas, os gladiadores da palavra. A existência de uma corrente de pensamento origina de imediato o aparecimento de outra, no outro lado da barricada. E logo se formam as seitas de seguidores e as cátedras como que cultos a obras e autores. Sua presença no palco social tem efeito paradoxal. Por vezes, anima a conversação comunal. Desafia verdades estabelecidas. Rompe com o trivial. Noutras, faz de tudo para eternizar embates que clamam por solução. Neste caso mais pernicioso, seu discurso desmoraliza os esforços de pacificação.

⁵ O conceito de ‘intelectual público’ foi proposto por Russel Jacoby em seu livro “*The Last Intellectuals: American Culture in the Age of Academe.*”



A voz do polemista é pronunciada também sob disfarces variados, nas cartas-testamento, nas notas de imprensa, nos debates públicos televisionados e nos discursos frente às multidões. Nestes casos parece evocar uma mensagem que se propõe à eternidade. Há nela sempre um tom profético, não raro épico. Noutras oportunidades mais modestas trata de contestar o dito e o repetido. Rompe com o senso comum e com a linguagem polida.

Ameaçado pela tradição, o polemista busca refúgios, espaços de sobrevivência. Os mais tradicionais, que ainda cultuam a imagem dos livre-pensadores do passado, se irritam com este esforço dos novos rebentos da oratória grandiloquente de buscar na universidade guarida e conforto. Ficam bravas porque, na verdade, estas personalidades hoje eméritas em muitas oportunidades do passado tiveram elas próprias que pedir, talvez constrangidas, o carinho e o patronato de alguma alma caridosa.

Na imprensa são eventualmente bem-vindos embora temidos. Cabe salientar que a polêmica pública estimulada por este tipo de personagem não é fenômeno recente. Por exemplo, a panfletagem da era tipográfica mostra que houve na história universal e brasileira inúmeros confrontos de idéias, muitos deles disputas virulentas e agressivas.

A polêmica vive agora esparramada em vários recantos. Na ficção televisiva e cinematográfica, nos programas jornalísticos de debate, na produção fonográfica, na boca de personagens irônicos e debochados que desafiam os costumes. Ela varia de cultura a cultura. Em algumas é dura e inflamada. Noutras a emoção arrebatada é contida e aprisionada. Há também um tipo de intelectual que é demandado. Como dito, combina uma obra de fôlego com sua capacidade e desejo de influenciar o destino comunitário.

Neste tipo de discurso há de tudo um pouco: sátira, ironia, sarcasmo e humor. O polemista com este tipo de coquetel retórico e politicamente incorreto e indisciplinado cumpre um papel que cabe ao diabo. Atormenta a sociedade ora com idéias brilhantes e ora com alucinações inseqüentes.

A luta entre o velho e o novo encontra assim este mediador e interlocutor. O fato de sofrer o ostracismo, a perseguição, a abominação, o exílio e eventualmente a morte por pensar e dizer o impensável é preço a pagar em certos ambientes por deflagrar uma luta incerta por corações e mentes. Até que vença e faça sucumbir seu opositor entrincheirado na tradição e nas verdades incontestáveis terá que suportar estoicamente a desconfiança pública.



O polemista educa, pois estimula o embate. Acorda mentes adormecidas como que narcotizadas pelo que é usual. Ele está presente nas disputas teológicas, nas controvérsias científicas, políticas, literárias, culturais e sociais. Em boa medida, como todo intelectual, o polemista é um atormentado. Afinal, os genuínos pensadores vivem em sofrimento. Por isso mesmo cabe recordar: o discurso que lhes sai da alma expressa a luta que sustenta contra os fantasmas que habitam seu próprio espírito.

Bibliografia:

- AZEVEDO, Reinaldo. Decálogo do bom polemista.
www.supersitegood.com/atento/texto.php?mat=503
- BUENO, A. e Ermkoff, G (or.) **Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950**. RJ. G. Ermakoff Casa Editorial, 2005
- DASCAL, Marcelo. Types of polemics and types of polemical moves. In S. Cmerjrkova, J. Hoffmannova, O. Mullerova, and J. Svetla. **Dialogue Analysis VI** (Proceedings of the 6th Conference Prague 1996), v.1 Tubingen: Max Niemeyer, 15-33, 1998 (Republicado in H.S. Gill and G. Manetti (eds), *Signs and Signification*, v. 1 II, New Dehli: Bahri Publication, 2000, pages 127-150]
- FOREIGN POLICY** (Edição em espanhol). Os intelectuais mais influentes do mundo ibero-americano. 2008
- JACOBY, Russel. **The last intellectuals: American culture in the age of academe**. Basic Books. 2000
- PEREIRA, Milena da Silveira. ‘A polêmica no final do oitocentos brasileiro.’ **Histórica**. N.20, março/2007
- POSNER, Richard. **Public Intellectuals. A study of decline**. Harvard University Press. 2001
- OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA**. ‘Intelectuais bons de Mídia.’ 7/11/2005
- O DEBATEDOURO**. ‘Os intelectuais brasileiros mais influentes’. 2005
- O DEBATEDOURO**. ‘Os 50 intelectuais brasileiros mais influentes’. 2008
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Como vencer um debate sem precisar ter razão em 38 estratégias**. TopBooks. 2003